

**FLUSSER:  
INTÉRPRETE ALIENÍGENA DA CONDIÇÃO BRASILEIRA**

1

**FLUSSER:  
ALIEN INTERPRETER OF THE BRAZILIAN CONDITION**

Anderson Ortiz<sup>2</sup>

**Resumo**

O artigo revisita a obra *Fenomenologia do Brasileiro: em busca de um novo homem*, de Vilém Flusser, publicada em 1998. Confrontando os achados do autor com outros importantes intérpretes da formação da identidade nacional, pretende-se retomar a discussão sobre os estratos sociais brasileiros na atualidade, também partindo das premissas fenomenológicas traçadas como categorias em Flusser. Para tal, em trabalho eminentemente bibliográfico, apresenta-se breve biografia sobre o autor; discute-se o capítulo “Imigração”; convocam-se outros autores intérpretes da formação da identidade brasileira; discute-se o contorno atual da população brasileira, com o apoio de dados demográficos atualizados.

**Palavras-chave:** Identidade nacional. Vilém Flusser. Cultura brasileira. Opinião Pública.

**Abstract**

The article revisits Vilém Flusser’s book *Fenomenologia do Brasileiro*. Written during the 1980s, it confronts the author’s findings with other major interpreters of the Brazilian national identity. Based on bibliographic research, it presents brief biography of Flusser; a summon up of the chapter "Immigration", when are mobilized others researchers of Brazilian identity; and it discusses the current outline of the Brazilian population, with the help of updated demographic data.

**Keywords:** National identity. Vilem Flusser. Brazilian culture. Public opinion.

**O alienígena e o novo homem**

O artigo apresenta e busca responder as indagações de Vilém Flusser em *Fenomenologia do Brasileiro: em busca de um novo homem*, organizado pelo pesquisador Gustavo Bernardo e editado pela Eduerj em 1998, livro de 176 páginas. Na obra, originalmente

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Eixo Temático 6 (Filosofia e Inteligência Brasileira) do VII ComCult, Faculdade de Comunicação da FAAP - Fundação Armando Álvares Penteado, São Paulo – Brasil, 13 a 17 de setembro de 2018.

<sup>2</sup>Professor Adjunto do Departamento de Comunicação Social da UFF. Doutor em Tecnologias de Comunicação e Cultura pela UERJ. Pesquisador do grupo de pesquisa ReC: Retórica do Consumo (UFF/CNPq) E-mail: andersonortiz@id.uff.br.

lançada em 1994 na Alemanha, mas provavelmente gestada ao longo dos anos 1980, Flusser reflete sobre a realidade que observa ao longo de 50 anos vivendo no Brasil como participante privilegiado de uma sociedade, nova a seu ver, em pleno processo de construção, repleta de potenciais especialmente por aquilo que a singulariza no contexto atual, colocando-a fora dos padrões tradicionais do desenvolvimento humano. A baixa repercussão dos escritos de Flusser no presente é um ponto a ser pensado.

Os conceitos e instrumentos utilizados por Flusser são oriundos da fenomenologia como campo científico-filosófico. De posse de tal aparato, o autor desafia os lugares-comuns habitualmente reservados para a análise da formação da sociedade brasileira, seus hábitos, valores e costumes. Em aposta intelectual ousada, revisa uma série de conceitos edificados por aqueles que são considerados os pioneiros na formação do pensamento sociológico e antropológico brasileiro, como Euclides da Cunha, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Caio Prado Jr., entre outros.

Indo um passo além das interpretações historicamente aceitas da formação nacional, que vai dos traços marotos do brasileiro mestiço sob viés negativo (Euclides da Cunha), passando pela incorporação leniente e triste dos hábitos ibéricos, indígenas e negros (Sérgio Buarque de Holanda), até a sua celebração como mistura bem-sucedida das raças (Gilberto Freyre), Flusser enxerga um ‘novo homem’ que está a surgir, livre (ou ignorante) das angústias históricas, oscilando entre a pré-história e a pós-história: o *homo ludens*.

Para empreender esta análise, o trabalho circula entre a resenha crítica da obra e a revisão bibliográfica dos autores que são apontados como os intérpretes tradicionais da formação do povo brasileiro. Assim, primeiro será apresentada breve biografia de Flusser, com ideias que servem como lentes de interpretação para contextualizar suas proposições – algumas delas polêmicas se lidas na referida obra antes de se conhecer outros livros e escritos do autor.

Em seguida, enfatiza-se o capítulo ‘Imigração’ na tentativa de comparar o Brasil que Flusser enxergava nos anos 1980 e o motivaram a refletir sobre a formação de agrupamentos humanos ao longo de seu território, em contraposição com o que se constata hoje sobre a sociedade, apoiando-se nos achados demográficos atuais do IBGE e trabalhos sociológicos. Não só o humano surge nessas reflexões, mas também a forma de contato que essa presença estabelece com o continente e o resto do mundo, o meio ambiente, a tecnologia, a religião, o

trabalho, a celebração e todos os demais eventos que podem contingencialmente servir de base para interpretação fenomenológica.

Por fim, tenta-se situar a posição do autor como estrangeiro inteligente e bem formado nos fundamentos do pensamento – categoria que ele mesmo ironicamente cria para si – interessado não em dissipar a sua identidade de origem no ‘caldo hibridizante’ que é ‘ser ou tornar-se brasileiro’, mas sim como estrangeiro ciente de sua condição itinerante apto a participar na construção dessa nova sociedade como um testemunho vivo de um passado histórico que não foi positivo para edificar outras sociedades mais antigas.

A esperança em Flusser é permitir que a sociedade brasileira construa o seu próprio caminho. Mas que jamais assuma como meta a maneira defasada daquilo que outras sociedades já fizeram, o que seria pura alienação. O papel do intelectual surge então como o de evidenciador de quadros ocultos de pensamento e testemunha de uma história que deve ser filosoficamente evitada, partindo de experiências de outras terras, outros modos de pensar, outros mundos, enfim. Como o próprio autor propõe em tom de desafio: “Por isso, as considerações que se seguirão estão neste sentido “abertas”: são ensaio que passará a obra apenas se encontrar leitor que o complete” (p. 38).

### **Um estranho no ninho: a experiência que o torna brasileiro**

Judeu por tradição, tcheco por conta do destino, contingencialmente itinerante pela história, Vilém Flusser nasce em Praga em 1920. Inicia seus estudos universitários com 19 anos de idade em sua cidade natal, mas é forçado a transferir-se para a Inglaterra com a invasão alemã durante a Segunda Grande Guerra. Tem a família dizimada no genocídio dos campos de concentração nazistas. Flusser decide migrar para o Brasil em 1940 (20 anos) com a ameaça de invasão nazista à Inglaterra. Chega ao Rio de Janeiro, casa-se, mudando-se em seguida para São Paulo. Em fins de 1950 (por volta dos 40 anos) registram-se suas primeiras produções para o jornal *O Estado de São Paulo* sobre filosofia da linguagem. O que o traz para o campo de imanência das ciências sociais e da linguagem. Nesse mesmo período, é aceito nos quadros da Universidade de São Paulo lecionando sobre filosofia da ciência. Nos 1960 (já com 50 anos) leciona para o prestigioso Instituto Tecnológico da Aeronáutica e trabalha para a diplomacia brasileira em territórios norte-americano e europeu. No período dos anos 1970/80 passa a

preferir palestras e cursos em universidades estrangeiras e contribui para o jornal *Folha de São Paulo*. Em 1990 alcança reconhecimento também na Alemanha, tornando-se professor convidado na *Ruhr-Universität Bochum*, quando fatalmente veio a falecer em acidente de automóvel em 1991.

O breve *résumé* serve para marcar a condição traumática da formação do jovem Flusser, tendo sua família perseguida por questões étnico-religiosas na Europa, obrigando-o a seguir para a Inglaterra e, dali, para o Brasil: provavelmente a escolha se deu pelo aspecto isolado e exótico de uma terra distante, longe de uma história que se queria idealmente esquecer, a fuga de um trauma. Pelo tempo de convivência e moradia, não seria exagerado propor que Flusser foi mais brasileiro do que tcheco, mas essa proposição parece inadequada não fosse o próprio posicionamento do autor, que sempre fez questão de ressaltar seu traço de formação cultural distinto – estrangeiro e alienígena – o que lhe garantia certo lugar de fala diferenciado para empreender intelectualmente.

### **Fenomenologia do Brasileiro: resenha crítica na forma de jogo**

Não somente será decupado o capítulo “Imigração” da obra, como também, na medida do possível, serão mobilizados outros intérpretes consagrados da condição brasileira, tais como Euclides da Cunha, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, entre outros. O olhar alienígena de Flusser rende outras concepções sobre a essência do brasileiro tangenciadas ou mesmo não captadas por aqueles autores. O que o diferencia reside tanto no interesse em apresentar descrições sociológicas e antropológicas fundamentadas, o que efetivamente é feito no livro, como também por um particular esforço em tentar captar o ‘mapa mental’ dos diferentes extratos que compõem a sociedade brasileira.

O livro se divide em nove capítulos ‘Em busca de um novo homem’; ‘Imigração’; ‘Natureza’; ‘Defasagem’; ‘Alienação’; ‘Miséria’; ‘Cultura’; ‘Língua’; ‘Diagnóstico e prognóstico’. Dada a concisão requerida para a elaboração do artigo, será dada ênfase ao capítulo ‘Imigração’ (p.39-57), especialmente pelo esmerado trabalho do autor em ajustar os termos da sua discussão a partir da demografia brasileira à época.

Cada etapa da obra contém o posicionamento do autor sobre as variáveis fenomenológicas da mistura que forma contingencialmente a mentalidade brasileira. Flusser é

sincero ao assumir que sua perspectiva é a de “(...) um intelectual burguês brasileiro, imigrado da Europa, para tentar imaginar, a partir dele, a situação do burguês intelectual ocidental em geral” (p.37).

É desse rescaldo que se identifica o primeiro esforço de construção da ideia de cultura brasileira.

### **Unidade e identidade nacional**

Aqui, o primeiro ponto original em Flusser: a não aceitação tácita da falaciosa unidade relativa à formação do perfil brasileiro. Se é certo que nos quadros acadêmicos desde os anos 1950 há o esforço em decupar os diferentes estratos sociais em suas condições efetivas de existência (econômicas, políticas, demográficas e culturais), também é importante reconhecer que uma intensiva operação de poder desde os anos 1930 ajudou a construir o mito da unidade a partir da identidade nacional pela mistura das raças (cf. ORTIZ, 2012; MOTA, 1977).

Nessa operação discursiva, que emprega largamente os meios de comunicação massivos, rádio nos anos 1930/40 e televisão nos 1950/1990, fixa-se a ideia de que há regionalismos e eles são aceitos, mas paira sobre a cabeça de cada indivíduo brasileiro o pertencimento a um projeto maior de nacionalidade. Entre 1930 e 1970, esse ideário assume contornos transformados, oscilando entre a necessidade de integração nacional e a segurança do território. Desde então, prevalecem no senso comum ideias totalizantes relativas a ‘democracia racial’, ‘harmonia dos povos’, ‘liberdade’, ‘sincretismo’, ‘pluralidade’ e ‘patrimônio cultural’. Tais quadros de referência passam a receber investimentos pesados do ponto de vista do discurso do poder. A ponto de a produção acadêmica encontrar uma verdadeira barreira para quebrar socialmente a percepção de que essa brasilidade se manifesta de forma uniforme e consistente de norte a sul do país.

Flusser refuta esse posicionamento como ponto de partida. Sabe, pelos idos dos anos 1980, que a população brasileira passa dos 90 milhões de habitantes, mas não se conforma com aquilo que os dados estatísticos revelam. Ultrapassa as descrições relativamente frias das estatísticas oficiais e investe no que deve formar a mentalidade de cada um dos estratos sociais brasileiros. O ferramental da fenomenologia é empregado no seu projeto:

A aproximação da filosofia, e em particular da fenomenologia, com a arte, com a poesia, é absolutamente pertinente (...) uma vez que em ambos os

campos acabam realizando tarefas muito semelhantes, ao perspectivizar o real – ao forçar o olhar a ver o que não via. (FLUSSER *apud* BERNARDO, 1998 p.18).

É dessa maneira que Flusser encontra no capítulo ‘Imigração’ os primeiros elementos a explicar a maneira como demograficamente se organizam os grupos sociais no Brasil. Para começar, o autor se despe das ‘meias-verdades’ que encobrem a real percepção: ‘país novo’; “sociedade aberta”; “terreno americano”; “país tropical”; “sociedade latina” (p. 40). Trata-se de adjetivos que recalcam uma massa urbana plural em formação emergente, o que lhe dá um contorno quase amorfo em um primeiro olhar de estrangeiro. Ao integrar-se nesse quadro, o imigrante descobre um arquipélago de culturas (ilhas), em processo de decomposição lenta. Essas ilhas estão em processo de mistura entre a cultura do imigrante, do migrante campesino, do escravo liberto. No cenário predomina a impressão de “decadência, provincialização e primitivização” (p.41). Mistura que nivela pelo menor denominador comum. Diferente da síntese que, como explica o autor, apresenta algo transformado como resultado pelo ganho qualitativo e potencial.

### **Só há imigrantes na perspectiva fenomenológica**

Isso porque é pré-condição de integração à essência do brasileiro a perda das raízes históricas de todos esses grupos. No caso do estrangeiro, rompe-se com o passado histórico, com o peso filosófico que esse conceito produz (discute-se adiante). Para o campesino, rompe-se com o que é estrutura arcaica, rural e artesanal. Para os extratos negros da sociedade, a exemplo do homem do campo, deve-se iluminá-los com racionalidade industrial vencendo os instintos e os dogmas místicos. A condição que reúne todos os estratos é a do ‘desenraizamento’, experiência comumente compartilhada por todos os grupos.

Desses estratos, revelam-se novos cortes que se estabelecem com perfis proletários, subproletários, pequenos e médios burgueses, novos-ricos e pseudo-aristocratas descendentes dos primeiros colonizadores. Os três últimos grupos mais raros dentro da dinâmica demográfica. É possível identificar esses grupos em Nelson Werneck Sodré com seus trabalhos pioneiros no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) em meados dos anos 1950 (*apud* MOTA, 1977).

De forma analítica, quando reflete sobre a situação do homem rural brasileiro, Flusser indica a impossibilidade de decifrá-lo em seus valores e hábitos, dada a distância insuperável para o europeu em termos de cultura. Identifica-se nesse homem a mistura das culturas portuguesa, indígena e negra, todas elas ‘traumatizadas’, daí as três raças tristes em Buarque de Holanda (1995), “por causa da enorme solidão, do clima difícil e da natureza cruel que os cerca. (...) A população rural é tão antiga e imemorial quanto o é o neolítico no qual vive mentalmente” (p.42). O sincretismo religioso, o humor, a saúde, as manifestações de afeto, os atos de violência, tudo aparece aqui como elementos que aliam ritos indígenas, negros e costumes europeus sem deles extrair qualquer essência definidora. É algo impossível de identificar as origens e a devida tessitura conceitual. Razões pelas quais Flusser indica que é impossível para o imigrante ‘europeu civilizado’ tentar compreender o habitante do interior do país. Mas este ‘civilizado’ não confere superioridade, apenas diferença, como se aborda em seguida.

Nessa direção, parece enganosamente acompanhar Euclides da Cunha (1902) ao descrever os povos sertanejos de Canudos (jagunços, tabaréus, caipiras), denunciando-lhes como ‘sub-raças’. Perspectiva enganadora se encará-la como retomada na atualidade, contudo, conhecendo-se em maior extensão os conceitos que embalam a obra flusseriana.

Enquanto Euclides da Cunha, imerso no espírito do tempo republicano recém-inaugurado e monarquista por inércia, enxerga o atraso como algo a ser extinto pelo motor do tempo, que traz consigo a ordem e o progresso, em Flusser, já em outro quadro mental separado por quase 80 anos, o motor da história não é apresentado como uma alternativa viável para transformar essa realidade. Se em Euclides da Cunha a condição é que o Brasil ingresse no trem da história, em Vilém Flusser o conselho é que se evite tal caminho. “Esse mundo a-histórico e arcaico é penetrado ultimamente pela história de forma violenta. (...) O caos mental e espiritual que disto é consequência não começou sequer a ser analisado.” (1998, p.44). A importância de enxergar com clareza o elemento que forma a mentalidade rural brasileira, segundo se depreende de Flusser, reside no fato de que é dali que boa parte dos valores e atitudes urbanos em processo de sedimentação irá extrair a sua base latente. Trata-se de homem com pé no progresso e mentalidade no campo patriarcalista, para o que há de positivo e negativo...

Em outra frente, Flusser reflete sobre a formação das elites brasileiras. Nos estratos médios, identifica-se a pequena e média burguesia, de onde se origina a fina camada intelectual

e acadêmica. Essa constatação combina com Mota (1977, p.33-36) quando aponta a proveniência dos primeiros quadros da USP em 1930 através dos filhos de imigrantes – pequenos industriais e comerciantes em São Paulo – assim como também os filhos dos senhores de engenho, cujas propriedades rurais já se encontravam em franco processo de declínio.

Emana desse estrato (ainda jovem) as esperanças da formação de uma nova mentalidade brasileira, que de forma quase messiânica vencerá os traços tradicionais e arcaicos do passado recente. A esse grupo caberá mesmo a condução dos destinos do país. Produz-se uma elite intelectual, espaço social inclusive onde boa parte dos imigrantes de boa formação irão circular. Desenraizados por hereditariedade (seus pais são imigrados, geralmente camponeses em seus países de origem), a classe média apresenta concepções de mundo diferentes dos europeus, esses sim descendentes de proletários ou subproletários. “O desenraizamento da população proletária se transforma neles em abertura, relativa falta de preconceitos e espírito aventureiro, o qual aliado à típica moral burguesa de produção, cria um clima reminiscente dos anos de fundação de empresas na Europa” (p. 41-42).

O desenraizamento provoca uma névoa diante da juventude de então, abastecida por ideologias de esquerda e de direita, todas importadas da Europa e dos Estados Unidos, o que se apresenta como um problema pela ausência de identidade e vivência com tais ideologias como atitudes historicamente presenciadas e sentidas. Adiante na obra, no capítulo “Defasagem” (p. 75-92), Flusser retoma a precariedade com que o *jetlag* de que algumas ideias se valem para analisar o Brasil são a prova cabal da alienação intelectual imperante no país.

Os ‘novos-ricos’ são apresentados sem complacência, destacando-se a opulência e o luxo dos seus hábitos, consentâneos com a riqueza observada em sociedades mais velhas do ocidente. A esse grupo ínfimo, Flusser retorna no capítulo “Miséria” (p. 113-130) quando contrasta a pobreza dos quadros camponeses (no interior decadente ou nas favelas das cidades em formação desordenada) com o discrepante padrão de vida desse estrato urbano. “Inteiramente alienado de si mesmo e de sua sociedade, tal grupo aparece para o imigrante apenas em forma de palacetes *kitsch*, de apartamentos opulentos e de notícias “sociais” na imprensa de segunda categoria; serve apenas para salientar, por contraste, a miséria das cidades.” (p.42). Embora tenham vencido na vida materialmente, a alienação nesse grupo é ainda pior, pois não entende ser seu papel empregar tais meios para transformar a sociedade.



Os pseudo-aristocratas formam o último recorte social percebido por Flusser. Descendentes em muitos casos dos povos colonizadores pioneiros, em posição privilegiada de comando em passado remoto, portugueses ou outras nacionalidades com poder na história colonial e monárquica do Brasil, os representantes desse grupo também restrito lamentam a passagem de uma era de ouro (do latifúndio de caráter feudal, aqui chamado de engenho) em que não só cabia a esse estrato elaborar e representar a cultura brasileira, como também decidir politicamente. “É um grupo trágico, porque imigrante no próprio país; ao contrário do imigrante europeu, não admite a sua própria situação para si mesmo. Toma-se, a despeito de provas óbvias, pelo contrário, como elite decisiva, e luta por um Brasil que existe apenas na sua memória e nas obras culturais por ele criadas.” (p.44).

No que pese a sua visível decadência, de acordo com Flusser, trata-se de grupo ainda fundamental para a (des)construção da mentalidade brasileira. Isso porque é a única que detém algum laço histórico com a formação social, pelo viés de memória daqueles que detinham o poder. Esse grupo possui alta formação intelectual (muitas vezes adquirida fora do país) e apresenta certa consistência interna sobre um projeto de nação idealizado e aceito de forma compartilhada somente por esse estrato limitado. A esse respeito, combina uma menção de Mota (1977, p.33) “da extrema mediocridade da Historiografia rançosa produzida nos Institutos Históricos e Geográficos e nas academias de província” que colocou em segundo plano nos estudos de meados do século XX autores importantes a interpretar a condição brasileira como Paulo Prado, Alcântara Machado, Cassiano Ricardo, Fernando de Azevedo e Nelson Werneck Sodré.

Se algum registro há sobre a formação da identidade nacional, é forçoso reconhecer que ela reside nos centros de memória dessa classe que, por força das contingências, foi defenestrado da sua posição de hegemonia com a abertura paulatina do país aos ventos do capitalismo no ocidente e o sucesso dos novos-ricos que souberam se posicionar com a mudança de regime.

Assim, Flusser é pontual em seu diagnóstico na condição de inserção da figura do estrangeiro no amálgama em forma de mistura que caracteriza a identidade nacional brasileira:

Logo, a ambivalência que o ambiente brasileiro representa para o imigrante pode ser assim resumida: é um ambiente de fácil penetração (já que a massa urbana, campo do imigrante, não oferece obstáculo digno de nota). Mas é um ambiente de difícil integração (já que a massa urbana não integra, mas

decompõe, a massa rural é impenetrável, e a elite é decadente e fechada). Em outros termos: é fácil viver-se no Brasil enquanto imigrante, e desesperadamente difícil integrar-se nele. (FLUSSER, 1998, p.45)

Nessa análise de Flusser, parece-nos faltar a reflexão analítica sobre os quadros de classe média do funcionalismo público, que dispunha de repertório distinto da burguesia imigrante ou nacional emergente. Longe da então capital federal, escapa ao radar do autor esse grupo com tendências específicas, que por exemplo foi definitivo na formação dos quadros revolucionários nos anos 1930, fazendo Getúlio Vargas chegar ao poder. É dos quadros da administração do Estado que outras características como o paternalismo, o clientelismo, o patrimonialismo, a corrupção, tornam-se traços transformados e definitivos na tomada e manutenção de poder desde então.

De qualquer forma, Flusser constrói seus argumentos com alicerces singulares quando identifica a perspectiva do desenraizamento. Tampouco sobra no desenraizar uma dessas classes sociais cuja mentalidade tenha consistência interna. São grupos desorientados, perdidos na história. “A hipótese é esta: trata-se de pessoas de tal forma atordoadas pelo seu exílio que vagueiam, tontas, na imensidão vazia do seu espaço” (p.166). Isso pode soar grave, mas em Flusser eis aí a chave da origem do novo homem.

### **A condição para integrar-se: o fim da história para surgir o novo homem**

Em Flusser, todos são um pouco estrangeiros na condição de brasileiros. Pois para todos há perdas e ganhos de um passado recente que é difuso. Dessa maneira, diferentemente dos tradicionais intérpretes do Brasil, Flusser não vê no alinhamento à história do ocidente um caminho viável para que o país alcance a sua plenitude como nação. Cuidado extremo é empregado pelo autor para explicar essa busca, pois sabe que nem as ideologias de direita nem as de esquerda – históricas por essência e alienígenas nesses solos por contingência – são adequadas para o empreendimento brasileiro. Evolução por aqui, portanto, destoa do cardápio moderno e não se direciona para a contradição de classes das sociedades industriais. Os híbridos singulares da condição brasileira caminham para outra mentalidade, livre do peso histórico que caracteriza os povos da Europa e da América do Norte.

Em outros textos filosóficos<sup>3</sup> Flusser já defende seus conceitos de ‘pré-história’, ‘história’ e ‘pós-história’. Quando se refere à ‘história’, Flusser remete especialmente à condição filosófica renascentista que o ocidente promove, tendo na revolução científica a partir do século XV um de seus motores. Essa história é fruto de diversas esferas, mas o aspecto técnico dessa nova condição filosófica reside no emprego da escrita e da leitura científica. O letramento exige não somente o esforço ‘iluminado’ de sujeitos emancipados e livres, o receituário normativo que se firma a partir do século XVIII, mas especialmente a capacidade de fugir à condição mitológica dos desenhos ‘pré-históricos’, mais relacionados à ritualização, à divinização e à magia.

Na passagem da pré-história para a história, novos mapas mentais e cognitivos se firmam, com a representação do mundo passando à linearidade do texto. A imagem perde o seu estatuto divino nesta passagem e o texto ocupa o lugar de traduzir objetivamente aquilo que as imagens cultuavam. Altera-se a relação de tempo-espaco-corpo. A imagem é decupada analiticamente em texto, que deve ser suficientemente hábil na descrição das partes. A pré-história é mítico-imagética; a história é (supostamente) objetivo-textual. A abstração vem junto com o texto, que por sua vez perde a sua relação com um objeto específico e passa a representar a categoria inteira em que o objeto se situa.

A ‘pós-história’ representa novo ponto de passagem entre contextos. A pré-história depende do artesão de habilidade inata ou ‘malhada a ferro’ pela tradição para representação mágica; a história depende do escriba fiel para abstrair e colocar em linha de texto; a pós-história depende do programador de tecnologia, que transforma os conceitos mágicos (pré) e abstratos (história) em novas imagens, reais ou ficcionais. Essa posição traz o interesse de Flusser para o campo da comunicação, embora não seja esse o caminho que o artigo pretende discutir.

Em tudo isso, fica evidente que quando Flusser enuncia que a sociedade brasileira em formação é a-histórica (p.35), o interesse não é menosprezar o repertório de memória aqui produzido. Mas sim fazer ver que o único registro consistente da história do país é inverossímil,

---

<sup>3</sup> Vide FLUSSER, V. *The Codified World*. In: *Writings*, 2002, p.35-41; POSTER, M. *An Introduction to Vilém Flusser's Into the Universe of Technical Images and Does Writing Have a Future?* In: *Into the Universe of Technical Images*, 2011, p. ix-xxvii.

dada a origem de onde se produz essa história, a saber, das elites agrárias já em processo de declínio. Trata-se de memória não compartilhada pelos demais estratos da sociedade, posto que dela não participaram como atuantes, que estruturam sua mentalidade a despeito dos registros que as elites tentaram produzir, deixando para trás ceticismo quanto à perspectiva da história registrada. A defasagem é o resquício dessa história mal adaptada, posto que produzida para um mundo distante, em outra época, mas trazida para cá em suas estruturas arquetípicas, no esforço de colocar o Brasil no curso da história.

Esse é um projeto inútil para Flusser. Justamente em territórios como o Brasil, ilha por geografia e por influência colonizatória que criou a barreira da língua, essa talvez insuperável, abre-se uma oportunidade por estar distante do velho mundo e de seus próprios vizinhos de continente. São condições para que o homem que aqui vive construa um caminho extra-histórico. E o imigrante pode participar dessa empreitada de quatro formas distintas, a depender de sua inteligência e repertório intelectual:

(...) pode-se formular assim a regra da integração aqui vigente: imigrantes inteligentes de baixo nível cultural se ambientam rapidamente na massa urbana, perdem sua identidade, e se diluem; imigrantes pouco inteligentes de baixo nível cultural dificilmente se ambientam, re-emigram muitas vezes e, se não o fazem, sentem-se decepcionados pelo novo país e derrotados pela vida; imigrantes pouco inteligentes de alto nível cultural se fecham nas estruturas trazidas, fingem desprezo pelo novo país (o qual não compreendem nem conhecem), e vegetam como uma espécie de funcionários coloniais sem função no exílio pelo qual são eles os únicos culpados; e imigrantes inteligentes de alto nível cultural procuram, a despeito de toda dificuldade, integrar-se no ambiente e engajar-se nele. (FLUSSER, 1998, p.47).

E a ruptura do imigrante com seu passado histórico para integrar-se mostra que “tornar-se brasileiro significaria alterar a estrutura dos pensamentos, desejos, sentimentos e atos para dar-lhes nova dimensão, que supere e substitua uma dimensão sociocultural mais antiga.” (1998, p.48)

Essa outra dimensão sociocultural está mais ligada ao jogo, ao *homo ludens*, à confiança nos sentidos além do intelecto racional, tais como emoção, intuição, sonho (p.53). Noções que normatizam a modernidade histórica não são aderentes ao caso brasileiro, pois o brasileiro é “(...) um homem que consegue (inconscientemente e, mais tarde conscientemente) sintetizar dentro de si e no seu mundo vital tendências históricas e não históricas aparentemente contraditórias, para alcançar uma síntese criativa (...)”. (p. 54).

A exemplo de outros autores que interpretam a condição brasileira, Flusser retoma a ideia de processo e de futuro, que explicam uma revolução silenciosa em curso. Em linha distinta, mas compartilhando do mesmo destino em perspectiva, é possível extrair as mesmas conclusões em Buarque de Holanda:

E efetivamente daí por diante estava melhor preparado o terreno para um novo sistema, com seu centro de gravidade não já nos domínios rurais, mas nos centros urbanos (p.172); (...) A imagem de nosso país que vive como projeto e aspiração na consciência dos brasileiros não pôde, até hoje, desligar-se muito do espírito do Brasil imperial (p.177); (...) A forma visível dessa revolução não será, talvez, a das convulsões catastróficas, que procuram transformar de um mortal golpe, e segundo preceitos de antemão formulados, os valores longamente estabelecidos. (...) Estaríamos vivendo assim entre dois mundos: um definitivamente morto e outro que luta por vir à luz. (p.180); (...) Lembrai-vos de que os brasileiros estão hoje expiando os erros dos seus pais, tanto quanto os próprios erros. A sociedade foi mal formada nesta terra, desde as suas raízes (p.181). (BUARQUE DE HOLANDA, 1995, p.171-193).

Uma condição otimista extra-história se firma em Flusser. Tal perspectiva não seria incomum para imigrante que, dadas as circunstâncias em seu próprio território, se viu forçado a fugir da história duas vezes, mas não alienar-se dela de todo. Por isso o jogo surge com alternativa viável na construção de uma pós-história mais livre e criativa:

O termo “jogo” passou a ser central na atualidade (...). “Jogo” não é mais tido por função de outras atividades, mas outras atividades é que são tidas por função de jogos. (...) a seriedade e a moral do trabalho burguês estão sendo superadas. “Jogar” não significa mais apenas atividade preparatória para o trabalho, mas, pelo contrário; ciência, economia, técnica e guerra não passam agora de variantes de jogos. (p. 169); (...) tem sentido a afirmativa de que o verdadeiro *homo ludens* (...) não habita o historicismo, e nele não se sente abrigado. (...) o brasileiro é *homo ludens* espontaneamente (...). (p.170). (...) Não mergulha neles (jogos) qual homem histórico, já que não os toma inteiramente a sério, e tal distância permite novo tipo de engajamento (p.171). (FLUSSER, 1998, p.169-171).

É na essência pré e pós-histórica (ou extra-histórica, se assim preferirmos), que a mentalidade brasileira representa uma potência em Flusser. Mas se, seguindo as proposições em forma de jogo do próprio autor, nos propuséssemos a analisar a condição atual da mentalidade brasileira, passados quase 25 anos da morte de Flusser, o que haveria de novo a apresentar ao quadro?

#### **4 Conclusões provisórias em forma de jogo**

Assim, “os processos em curso no Brasil se dão à margem da consciência inclusive, ainda, do próprio brasileiro. Há uma sentença que afirma que o Brasil se desenvolve durante a noite, quando dormem seus administradores. Pois só a inconsciência dos processos pode explicar tal sentença.” (FLUSSER, 1998, p.53). Um fenômeno demográfico permanece em curso e uma mentalidade se transforma nesse processo, para o bem e para o mal.

No que pese ainda a interseção entre estruturas mentais ‘arcaicas’, ‘modernas’ e ‘pós-modernas’ (ou ‘modernas tardias’), uma mentalidade transformada confronta-se, adapta-se e renova traços que foram identificados em Gilberto Freyre e relidos por Roberto da Matta, como o ‘jeitinho brasileiro’, o traço hierárquico, o patrimonialismo, o fatalismo, a desconfiança da sociedade, a falta de espírito público, a aceitação tácita do ‘olho por olho, dente por dente’, o conservadorismo da orientação sexual, o estatismo como sistema de desenvolvimento e a aceitação da força contra a liberdade de expressão (ALMEIDA, 2007, p.26). Enfim, novas gerações que assimilam uma mentalidade já vigente, com traços arcaicos e urbanos amalgamados, agora formando novos valores e sociabilidades, estando expostas aos estímulos crescentes de uma sociedade do consumo, no radar do fluxo capitalista de circulação global (cf. HARVEY, 2011).

O Brasil já possui mais de 210 milhões de habitantes em 2021 e, segundo o IBGE, deve chegar a 230 milhões de habitantes em 2040. Ainda de acordo com o principal órgão de estudos demográficos no país, 84% da população vive no meio urbano, surgindo ao longo de pouco mais de 50 anos nada menos que 10 metrópoles com mais de um milhão de pessoas (Belo Horizonte, Distrito Federal, Porto Alegre, Vitória, Curitiba, Florianópolis, Salvador, Recife, Fortaleza e Manaus) e duas megalópoles (São Paulo e Rio), com mais de 20 milhões de habitantes em SP e mais de 10 milhões no RJ, incluídas as áreas metropolitanas anexas às cidades. Como fenômeno transformado nesse passo demográfico, emerge outra camada de classe média (classe C), cuja conceituação somente há pouco mais de 10 anos passou a ser construída em termos de análise. Somente essa fatia de população reúne mais de 90 milhões de pessoas.

As investidas discursivas do poder sobre um Brasil ‘mulato inzoneiro’ permanecem com o viés totalizante, agora sob o domínio dos diferentes segmentos que se alternam no poder, revestidas em espetáculos para comover tanto os que deles participam *in loco*, como também para produzir efeitos totalizantes de identidade nacional na (suposta) massa que recebe os sinais das transmissões no conforto de casa. Só é massa na perspectiva dos que pensam controlá-la enquanto detentores dos meios de transmissão, que ainda não em espaço para o *feedback* da recepção, o que é proposital.

O Brasil que tem a messiânica função de dar alguma coisa de especial ao mundo permanece nesse périplo, por vezes até mesmo gerando espanto interno, posto que aquilo que preceitua diplomaticamente para o meio externo raramente combina com a agenda que desenvolve para o seu próprio povo.

## **Referências**

- Almeida, Alberto Carlos. (2007). *A cabeça do brasileiro*. Rio de Janeiro: Record.
- Buarque de Holanda, Sérgio. (1995). *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Cunha, Euclides. (2002). *Os Sertões*. São Paulo: Nova Cultural.
- Federico, Maria Elvira B. (1982). *História da comunicação: rádio e TV no Brasil*. Petrópolis: Vozes.
- Flusser, Vilém. (1998). *Fenomenologia do Brasileiro: em busca de um novo homem*. In: Bernardo, Gustavo (Org.). Rio de Janeiro: Eduerj.
- Freyre, Gilberto. (2004). *Ordem e Progresso*. São Paulo: Global.
- Harvey, David. (2011). *O Enigma do Capital: e as crises do capitalismo*. São Paulo: Boitempo.
- Holanda, Sergio Buarque de. (1936). *Raízes do Brasil*. São Paulo: José Olympio.
- IBGE. *Sinopse do Censo Demográfico 2010*. Disponível em [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/sinopse/sinopse\\_tab\\_brasil\\_pdf.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/sinopse/sinopse_tab_brasil_pdf.shtm), acesso 28/07/2014.
- Mota, Carlos Guilherme. (1977). *A ideologia da cultura brasileira*. São Paulo: Ática.
- Ortiz, Renato. (2012). *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense.
- Prado Jr., Caio. (1994). *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense.
- Souza, Amaury de; Lamounier, Bolívar. (2010). *A classe média brasileira: ambições, valores e projetos de sociedade*. Rio de Janeiro: Elsevier; Brasília, DF: CNI.